

CLEBER PACHECO

A TORRE DO  
SILÊNCIO

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2024

O sr. Ishiguro foi encontrado na sala de casa dez anos após sua morte. O pincel que segurava na mão ainda estava intacto.

Mrs. McGillicudy foi encontrada após sete anos e por coincidência ou algum significado oculto, sete gatos estavam junto com ela, todos mortos, evidentemente.

Acharyaji levou cinco anos para ser achado em seu quarto. Havia um japamala no soalho, utilizado por ele, em vida, para recitar seus mantras preferidos.

Agáfia Mikhailovna foi a que passou pela menor demora: dois anos. Sentada na poltrona, restos de uma vela diante de um ícone denunciavam verdadeira devoção.

Maria das Dores, morando no coração da floresta, foi a que levou mais tempo: doze anos até que seus ossos fossem descobertos por dois homens perdidos e assustados tentando febrilmente sobreviver.

\* \* \*

O sr. Ishiguro, uma vez aposentado, decidiu dedicar-se a um projeto ambicioso: tornar-se um grande calígrafo. Guardando montanhas de papel, litros de tinta e inúmeros pincéis, foi se aperfeiçoando cada vez mais. Seus ideogramas, com o tempo, alcançaram um nível superior de refinamento. Traços precisos, leves e engenhosos faziam de sua escrita verdadeira obra de arte. Pena não haver ninguém para vê-la.

Mrs. McGillicudy passava os dias limpando a casa vazia e alimentando os gatos. Tratava-os como se seres humanos fossem e conversava com eles o dia todo, sempre atenta às menores necessidades deles.

Acharyaji, além de recitar mantras, gostava de assistir aos filmes de Bollywood. Quanto mais longos e quanto mais estivessem recheados de números musicais, mais ele os adorava. Passava noites em claro vendo-os quando não se dedicava aos mantras.

Agáfia Mikhailovna costumava sair para fazer compras. O dia da semana favorito era quando comprava frutas. Amava a textura da casca das peras e maçãs, tateava o aroma dos pêssegos quase em êxtase. Sobretudo venerava as romãs importadas e o seu brilho de cristal vermelho espalhando-se na boca.

Maria das Dores havia sido curandeira por muitos anos, até ser expulsa da cidade e viver, solitária, entre sons de vento e folhas, gritos de pássaros e o bulício dos macacos no alto das árvores. De todos os animais existentes, apreciava, sobretudo, as borboletas brancas.

\* \* \*

O sr. Ishiguro tivera filhos. Três, para ser exato. Nenhum morava com ele. Havia partido há muito, absortos em seus cargos e deveres profissionais. A esposa falecera no parto.

Mrs. McGillicudy nunca se casara. Vivia ali desde sempre, sem visitas, sem vizinhas amigas, sem sobrinhos. Gastava muito dinheiro com ração, caminhas e vacinas. Nunca permitia que nenhum de seus gatos não fosse vacinado. Às vezes fazia tricô.

Acharyaji havia sido guia turístico. Influenciado, talvez, pelo comportamento dos estrangeiros, decidira nunca se casar. Talvez fosse porque em sua mão direita faltasse um dedo.

Agáfia Mikhailovna enviudara após três meses de casamento. Desde então vivia às próprias expensas e não sem certa dificuldade. Seus pés inchavam constantemente e sempre estavam frios. Um verdadeiro tormento.

Maria das Dores fora violentada ainda jovem. Daí não ter sido aceita por nenhum outro homem. Perdera o filho antes do término da gestação e buscara forças nos chás e pomadas miraculosas.

O sr. Ishiguro odiava gatos e o seu vizinho Mizoguchi, que costumava vestir roupas espalhafatosas e exibir seu carro moderno sempre que podia. O sr. Ishiguro sentia um ódio por ele como alguém sente a dor de um dente inflamado. Para ele era impossível suportar aquele sujeito.

Mrs. McGillicudy detestava legumes e fazia de tudo para evitá-los. Quando não podia fazê-lo por uma questão de economia, passava o resto da semana resmungando.

Acharyaji pensava em, algum dia, voltar para sua aldeia. Não suportava os ruídos da cidade grande. Torturava-o a balbúrdia e o caos do trânsito.

Agáfia Mikhailovna achava insuportável tantas coisas, que sequer conseguiria mencioná-las. Saía o mínimo necessário às ruas. Por uma questão de sobrevivência.

Maria das Dores odiava o homem que a estuprara. Jamais esquecera o rosto dele e o corpo pegajoso. Só em lembrar, às vezes vomitava. E mesmo tendo ajudado tantos que necessitavam de socorro, com-

preendendo-lhes as dificuldades e aflições, não conseguira perdoá-lo. Na floresta tinha medo dos animais peçonhentos. Mas os suportava, conformada.

\* \* \*

Certo dia o sr. Ishiguro decidiu pintar o ideograma Céu 空. Não seria uma tarefa difícil, já desenvolvera suas capacidades artísticas e afigurava-se-lhe simples a empreitada. O desapontamento ao ver o resultado abalou sua autoconfiança. Não saberia definir com precisão em que consistia a falha. Ela estava ali e exasperava-o até o limite de suas forças. Chocado, ficou horas sentado no chão da sala, pensativo.

Certo dia Mrs. McGillicudy perdeu um dos gatos. Justamente aquele que buscava o refúgio do seu colo com maior frequência. Simplesmente não podia entender como acontecera. Ele só poderia ter escapado pela janela, pensou. Procurou-o lá fora, esperou dias por ele e não obteve nenhum resultado. A única solução foi dirigir-se até uma loja de animais e comprar um novo bichano. Mas o evento nunca mais saiu de sua cabeça, deixando-a completamente perturbada.

Certo dia Acharyaji teve um problema desconcertante. Arrebentou-se seu japamala espalhando as contas por todo o quarto. Por mais que as procu-

rasse, não conseguia completar outra vez as 108 necessárias. Aquilo afetou as práticas diárias. E nunca mais conseguiu esquecer aquele acontecimento.

Certo dia Agáfia Mikhailovna comprou, sem perceber, uma romã estragada. Ao abri-la, deparou-se com os grãos podres. Em vez do vermelho vivo e vibrante, havia pontos escuros por toda parte. Irritada ao extremo, jogou a fruta contra a parede, proferindo todos os impropérios disponíveis e amaldiçoando quem a vendera. Desde então não suportava sequer olhar para ele.

Certo dia Maria das Dores entrou em casa e encontrou uma enorme aranha sobre a cama. Tomada pelo pânico, pôs-se a tremer e pensou pela primeira vez que seria bom ter alguém ali morando com ela. Tal pensamento a chocou muito mais do que a própria presença do aracnídeo. Lágrimas escorreram de seus olhos.

\* \* \*

Abalado pelos acontecimentos o sr. Ishiguro passou a dormir mais. Acordava tarde e se recriminava por fazê-lo. Ao pintar, ficava horas parado olhando para as paredes e o trabalho rendia menos. Caminhava pelos aposentos vazios antes de recomeçar os exercícios de calígrafo. Sua vida nunca mais seria a mesma.

Abalada pelos acontecimentos Mrs. McGillicudy deu início a um novo hobby: pintar aquarelas. Saíam mais borrões do que flores, mas ela continuou insistindo. Não sabia dosar as cores e tudo ficava ber-rante ou apagado. Ela acreditava estar obtendo um excelente resultado.

Abalado pelos acontecimentos Acharyaji decidiu que deveria superar suas limitações. E passou a caminhar pelas ruas sem objetivo definido. Isto não durou muito. Achava tudo insuportável. Então passou a frequentar templos sempre munido do seu novo japamala.

Abalada pelos acontecimentos Agáfia Mikhailov-na fechou-se ainda mais em casa. Evitava olhar o rosto das pessoas quando tinha de sair e resmungava o dia todo como se falasse com um alguém imaginário.

Abalada pelos acontecimentos Maria das Dores decidiu ocupar-se com o cultivo do jardim ao redor de sua casa, tarefa quase impossível. Animais e plantas selvagens teimavam em estragar tudo sem a menor cerimônia. Mesmo assim ela insistia. Tentava ocupar todo o seu tempo.

\* \* \*



---

EDITORA  
[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)

---

---

*Livros iluminam*

---

Este livro foi composto em Minion Pro  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em março de 2024.

---